

SER PROFESSOR NO PIBID: ESPAÇOS E DISPOSITIVOS DE FORMAÇÃO

Angélica Cristina Rivelini-Silva¹ (PG), Moisés Alves de Oliveira² (PQ).

¹Universidade Tecnológica Federal do Paraná, arivelini@utfpr.edu.br, ²Universidade Estadual de Londrina, moises@uel.br

Palavras-Chave: PIBID, heterotopia, dispositivos

RESUMO: TENDO COMO REFERENCIAL OS CONCEITOS DE ESPAÇO HETEROTÓPICO E DISPOSITIVOS DE DISCIPLINA PROPOSTOS PELO FILOSOFO FRANCÊS MICHEL FOUCAULT, ANALISAMOS OS EFEITOS DOS DISPOSITIVOS NO PROCESSO DE FORMAÇÃO DE BOLSISTAS DO PIBID, AO MESMO TEMPO PROCURAMOS ENTENDER A CONSTRUÇÃO DE UM ESPAÇO DE DESVIO NO PROGRAMA. PARA ESSE TEXTO, APRESENTAMOS UM SEMINÁRIO, DESENVOLVIDO E APRESENTADOS POR BOLSISTAS PARA O GRUPO, COM O INTUÍTO DE PERCEBER QUAIS OS DISPOSITIVOS E, POR MEIO DE QUAIS ESTRATÉGIAS, AS PRÁTICAS E TÉCNICAS DE ENSINO GANHAM STATUS DE DESEJÁVEIS. E COM AS ANÁLISES ENTENDER OS PIBIDIANOS COMO CONSTRUTORES DE SUAS SINGULARIDADES EM UM ESPAÇO OUTRO, QUE AO PERTENCER AOS DIVERSOS ESPAÇOS DAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO LEVAM A UM PROCESSO DE FORMAÇÃO FLUÍDO. OLHANDO OS DISPOSITIVOS DE DISCIPLINA EM FUNCIONAMENTO ENTENDEMOS A PRODUÇÃO DA HETEROTOPIA PIBIDIANA COMO ESPAÇO OUTRO EM RELAÇÃO A FORMAÇÃO NO CURSO DE LICENCIATURA.

INTRODUÇÃO

Nesse trabalho apresentamos os resultados de uma das etapas da pesquisa desenvolvida no Programa de Doutorado em Ensino de Ciências e Educação Matemática da Universidade Estadual de Londrina, intitulada: A Heterotopia da Experimentação do Ser Professor na Formação Inicial de Professores de Química Bolsistas PIBID. O Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), é uma iniciativa recente, agenciada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), que oferta bolsas a estudantes dos cursos de licenciatura e tem como discurso a valorização da docência e a inserção dos licenciados no cotidiano de escolas da rede pública de educação, promovendo o convívio entre e formação superior e a educação básica (BRASIL, 2015).

Com o objetivo de formação de professores que vivenciem o cotidiano da escola concomitante a licenciatura, o PIBID precisou construir seus espaços nas Universidades e nas Escola ajustando-se as relações estabelecidas no processo de formação dos licenciandos. É justamente esse processo de formação no PIBID o objeto de nossa pesquisa. Ao considerar o programa como dispositivo de práticas, temos como objetivo investigar como essas práticas se constituem e constroem o espaço do programa. A pesquisa foi realizada no interior PIBID, subprojeto Química, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR).

Entendendo as práticas como construtoras da realidade e, por conseguinte das verdades, os espaços criados nas relações do PIBID podem ser olhados como espaços de constituição dos sujeitos, espaços que permitem aos bolsistas o desvio, a construção de lugares outros em relação com o todo da Licenciatura. Apresentando alguns traços dos

dispositivos reguladores em ação no processo de formação de professores, procuramos olhar, nos recortes que apresentamos nesse texto, os dispositivos de disciplina em funcionamento e como eles determinam a construção de um espaço de desvio em relação às disciplinas pedagógicas da Licenciatura, uma formação de espaços outros.

Estudar como se constitui o espaço PIBID e quais os caminhos que dão sua visibilidade na formação de professores permite compreender os meandros do poder e o saber. Entender esse espaço permite também, compreender como os dispositivos operam para a sua constituição.

A HETEROTOPIA E O DISPOSITIVO

Em primeiro lugar iniciemos pelo conceito de heterotopia tal como o propôs Michel Foucault (2015). Para o filósofo a heterotopia é espaço com múltiplas significações, estabelece relações com outros espaços e, pela complexidade das relações, atua como ‘o outro lugar’, uma qualidade de espaço na qual as relações que aí se definem contrastam com as convencionais. Devido a esta estranheza, o espaço ganha uma composição ambivalente, sendo alterado pela sua apresentação, contribuindo para a formação alternativa de uma ordem social (FOUCAULT, 2015).

É na esteira desse entendimento que adotamos a heterotopia como ferramenta potente para olhar as práticas do PIBID enquanto emergente espaço na formação de licenciados em Química. Ao invés desses comportamentos e lugares serem considerados diferentes/estranhos, eles se tornam a referências, por contraste, servindo como contextos de promoção de outras identidades. Os bolsistas PIBIDianos ao desenvolverem suas atividades de observação, estudo, seminários, aulas experimentais entre outros, vão construindo um regime próprio com características particulares, essas particularidades levam o grupo à condição de referência por ser constantemente exercitado.

As particularidades são pouco a pouco construídas, especialmente nas comparações que os bolsistas fazem entre as técnicas estudadas de artigos ou livros e o que eles observam nas escolas. As comparações provocam um distanciamento do espaço escolar e do PIBID, os bolsistas ao questionarem as práticas escolares deslocam seus discursos para outros espaços. Espaço esse que também não é formação didática da Licenciatura, é um espaço que desvia das regras da escola e da licenciatura moldando um outro espaço.

A discussão do espaço aqui é entendida tanto como um local físico como também um local do discurso da constituição dos sujeitos – outros espaços. Foucault (2015) propõe a heterotopia como “o estudo, a análise, a descrição, a ‘leitura’, [...], desses espaços diferentes, desses outros lugares, uma espécie de contestação simultaneamente mítica e real do espaço em que vivemos” (p.416). No mesmo texto o autor apresenta o que seriam esses lugares de contestação são

[...] delineados na própria instituição da sociedade, e que são espécies de contraposicionamentos, espécies de utopias efetivamente realizadas nas quais os posicionamentos reais, todos os outros posicionamentos reais que se podem encontrar no interior da cultura estão ao mesmo tempo representados, contestados e invertidos, espécies de lugares que estão fora de todos os lugares, embora eles sejam efetivamente localizáveis. Esses lugares, por serem absolutamente

diferentes de todos os posicionamentos que eles refletem e dos quais eles falam, eu os chamarei, em oposição às utopias, de heterotopias (FOUCAULT, 2015, p. 415).

Pensar a heterotopia como contraposicionamento permite olhar o processo em que alunos se constroem PIBIDanos, ao produzirem os discursos que regulam as condições do ser um bolsista no programa, como um modo de questionar e provocar o processo de formação estabelecido na licenciatura e os observados na escola. Nesse processo de contraposição a validação de um outro regime discursivo é regulado pelos dispositivos de formação de professores.

Em segundo lugar o conceito de dispositivo nos ajuda a compreender por quais mecanismos os PIBIDianos tornam-se visíveis pelo processo de desvio das atribuições da sociedade escolar, do currículo e da formação docente, forjando outro lugar para reestabelecer uma função escolar - uma espécie de nova ordem. O dispositivo deve ser entendido como um regime, um regime de fazer ver e dizer. Ele distribui o visível e marginaliza o invisível. Ele faz surgir verdades que não existiriam fora de sua luz. Com isso Foucault promove um importante deslocamento em relação ao pensamento humanista e epistemológico. Para o filósofo não devemos buscar sujeitos e objetos e sim os regimes de constituição de sujeitos e objetos.

O dispositivo funciona como regulador que cria a condição de existência entre os elementos. Por instrumentalizar o olhar em direção às práticas, às mediações, aos híbridos, o conceito de dispositivo serve à perfeição para descrever os elementos heterogêneos, aqueles elementos que apesar de não funcionarem em um mesmo regime discursivo são articulados pelos dispositivos não fronteiriços das práticas do PIBID, seus regimes de autorização advindos de várias instâncias reguladores, tais como a CAPES, os acrônimos legais; as regras institucionais, as hierarquias da relação professor-aluno.

Foucault explicita o conceito de dispositivo como sendo

[...] um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre esses elementos” (FOUCAULT 2013, 364).

Para os propósitos e o tamanho desse texto, buscando entender como os dispositivos criam os regimes e as relações que podem existir entre os elementos, voltaremos nossa atenção às atividades desenvolvidas durante a apresentação de um seminário, com temas referentes a pesquisas no Ensino de Química, atentando para o funcionamento da rede discursiva que perpassa os PIBIDianos, ao mesmo tempo que regulam suas práticas no que se refere a atividade do ser professor. Os dispositivos serão olhados como um instrumento de regulação e formação que só pode ser verificado em um determinado momento, como função estratégica, própria da experiência no/nesse PIBID.

Dispositivo de disciplina como as regras que estabelecem alguns limites, o que mantém os bolsistas em uma supervisão minuciosa e uma tentativa de controle. Um poder específico que se dá nas instituições pode ser chamado de “disciplina ou poder disciplinar” (MACHADO 2013). Os dispositivos da disciplina serão olhados como aqueles que exercem

sobre os processos e atividades um procedimento disciplinar. Os dispositivos de disciplina nortearam as análises dos excertos trazidos nesse texto.

METODOLOGIA

O PIBID, enquanto programa, foi instituído pelo Decreto Presidencial nº. 6.755, de 29 de janeiro de 2009, é gerenciado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). O programa tem como discurso a valorização da docência e ainda, a inserção dos licenciados no cotidiano de escolas da rede pública de educação, promovendo o convívio entre a formação superior e a educação básica (CAPES, 2011). Em uma primeira análise, notados que os objetivos do PIBID não diferem dos objetivos já instituídos nos planos curriculares das disciplinas obrigatórias do curso de Licenciatura em Química.

A valorização da docência é pano de fundo em todo o percurso curricular do licenciado. Assim, o que coloca o PIBID na "nova" posição central na formação de professores? A medida que avançamos nas pesquisas tornaram-se visíveis alguns discursos e procedimentos que potencializavam o estabelecimento de diferenciações entre as disciplinas curriculares e as promessas unificadoras que circularam no interior do PIBID. Uma delas é o pagamento de uma bolsa, o PIBIDiano recebe um incentivo financeiro e em troca dedica horas semanais para as atividades do programa. Outra diferença em relação as disciplinas curriculares é que os bolsistas não passam por avaliações que o aprovem/reprovem nos semestres letivos, mas são levados à formação e a relação que se estabelece entre os bolsistas e a coordenadora difere da relação professor e aluno.

Essa outra relação, segue outros processos de estabelecimento, os bolsistas se assujeitam ao regime disciplinar, não mais para obtenção de notas e aprovação e sim, para manter a autorização, para fazer parte, ser do PIBID e como consequência do pertencimento receber o valor da bolsa e poder se intitular um deles, condição desejável aos alunos da Licenciatura.

O PIBID-Química/UTFPR iniciou suas atividades no primeiro semestre de 2011, com doze bolsistas alunos da Licenciatura em Química, eles se organizam em seis duplas de trabalho. A relação Universidade e Escola, exigida pela CAPES, acontece pela parceria com duas Escolas Estaduais de Ensino Médio da cidade Apucarana/Pr. Cada escola conta com um professor, do quadro próprio, responsável pela disciplina de Química que atua como supervisor de seis bolsistas. Os supervisores e os coordenadores se articulam para promover atividades que visem a formação do bolsista ao mesmo tempo que atenda às demandas escolares.

Desenvolvemos nossa pesquisa hibridizando as inspirações da genealogia foucaultiana, como uma maneira de problematizar as práticas do programa olhando-o por dentro, com o estudo exploratório de cunho etnográfico em seu sentido mais tradicional, pois nos aproximamos de fenômenos no ambiente concreto de sua produção, coletando informações mediante contato frequente com os informantes. A observação ocorreu por intermédio de visitas realizadas duas vezes por semana, durante um período de onze meses, e registradas num diário de campo. A técnica híbrida permitiu observar e registrar

algumas situações particulares de institucionalização do PIBID com que os informantes se deparam normalmente e como se comportam diante delas.

Vivenciando o cotidiano do grupo e registrando as atividades por eles desenvolvidas por meio de gravação de áudio/vídeo e registro de notas, essas atividades foram previamente autorizadas por meio de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), os nomes dos bolsistas e coordenadores usados no texto foram escolhidos pelos participantes e registrados no TCLE - são todos fictícios, respeitando assim o anonimato dos mesmos. Os informantes da pesquisa são as duas coordenadoras, Ariane coordenadora de Gestão e Laura Coordenadora de Área, ambas professoras da Licenciatura em Química e Doutoradas em Química; e os doze bolsistas apresentados no Quadro 1.

Quadro 1: Bolsistas participantes da pesquisa

Nome fictício	Semestre do Curso	Idade	Outras informações
Babilônia	1º	18	garçom aos finais de semana para completar a renda.
Ben 10	5º	20	Sonha ser professor.
Cris	1º	18	Moradora da cidade e vizinha da Universidade.
Caroline	2º	18	Interior de São Paulo para estudar.
Floyd	5º	21	Interior de Santa Catarina para estudar e não pretende ser professora.
Isa	3º	19	Interior do Paraná para estudar.
Isadora	2º	22	Mora em Apucarana.
Júlia	4º	24	Veio da capital para estudar.
Luly	5º	20	Filha de professores.
Mary	3º	32	Mora em Apucarana, mãe de dois filhos.
Mila	3º	19	Veio de uma cidade vizinha para estudar.
Pink	5º	22	Mora em uma cidade vizinha e não pretende ser professora.

A permanência do pesquisador se deu nas atividades desenvolvidas nas horas destinadas ao estudo e reflexão das práticas docentes realizadas em reuniões na Universidade, como exemplos: as reuniões semanais, atividades de estudo, preparação de roteiro de aula e seminários. Para a realização das atividades os doze bolsistas são divididos em duplas, eles frequentam o colégio que lhes é indicado, cada colégio/supervisor recebe seis bolsistas – três duplas. As duplas, além das atividades no colégio prepararam as aulas práticas, os seminários, as atividades pedagógicas e jogos didáticos em momentos específicos na Universidade sob supervisão da Laura.

Os bolsistas devem dedicar vinte horas semanais ao programa, dessas, quatro horas aproximadamente são para reuniões e seminários realizados na própria Universidade com acompanhamento da coordenadora. São nessas reuniões que

olharemos os meandros desse grupo e o processo de funcionamento e organização do espaço PIBID.

O material coletado produziu um grande volume de transcrições e registro. No tratamento dos registros, tudo foi separado e agrupando. Uma parte desse material é apresentada nas análises que seguem. A própria organização do texto, compreende um processo analítico, pois a realização dessa atividade nos obriga a atentar aos discursos que serão trazidos à análise. Devemos escolher aqueles pertinentes ao problema proposto a ser investigado. Como, melhor, coloca Deleuze (2013, p.28), “as palavras, frases e preposições retidas no *corpus* devem ser escolhidas em torno dos focos difusos de poder (e de resistência) acionados por esse ou aquele problema”. Nesse caso, as palavras, as frases e proposições presentes são aquelas que constituem as práticas dos bolsistas e assim, também constituem o próprio espaço do programa.

O episódio analisado encontra-se dividido em dois núcleos: as comparações entre o PIBID e a formação docente fora do programa, e a disciplina desejável ao professor em formação no PIBID, para incorporar o espaço discursivo do programa. Assim, as análises focam o dispositivo de disciplina. Evidenciá-los para mostrar a ordenação e construção do espaço outro, espaço singular cuja função difere do espaço das disciplinas pedagógicas da Licenciatura. Mas o espaço heterotópico PIBID que ao se colocar como outro, funciona aos moldes da mesma pedagogia que questiona. Olhado desse modo, o PIBID se apresenta como um *patchwork*, uma desordem, mas é justamente nessa “desordem que faz cintilar os fragmentos de um grande número de ordens possíveis”, o estabelecimento desse espaço de ordem/desordem Foucault chamou de heterotopia (DEFERT, 2013, p.35).

A seguir, apresentamos a atividade desenvolvida na forma de seminário, em que os bolsistas, a partir da leitura de artigos, prepararam com temas relevantes a formação de professores e apresentaram aos demais bolsistas e coordenadoras. Nesse evento procuramos trilhar os caminhos que levam a constituição desse espaço heterotópico forjado por seus integrantes.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A apresentação dos Seminários aconteceu na sala que ficava permanentemente reservada para o PIBID, essa sala mantinha suas características de ‘sala de aula’, lousa, projeto e tela, mesa grande para o professor, carteiras menores para os alunos e mural de recados.

A sala estava preparada para o seminário da Júlia e da Isa, o projetor estava ligado e as duas bolsistas, visivelmente desconfortáveis, acomodaram-se no canto da sala próximo ao computador. Os demais bolsistas sentaram em fila, organizados como em uma aula. Júlia iniciou a apresentação de um texto do Professor Roque Moraes (2003), “Pesquisar e aprender em educação química: alguns pressupostos teóricos”. A prática que presenciamos estabelece uma interessante conexão com os rituais acadêmicos ordinários na área que eles, bolsistas, autodenominam de *disciplinas da licenciatura*. Os sujeitos estão praticando as coisas que são próprias da vida acadêmica em outro lugar – PIBID, e

esse lugar ao mesmo tempo que é outro em oposição as disciplinas da licenciatura, são elas mesmas funcionando com outra função e seguindo outras regras, próprias do espaço PIBID.

Interessante também notar que estudar textos e artigos está de acordo com os objetivos propostos pela CAPES. Os PIBIDianos, embora não fossem propriamente do currículo, como disse Foucault - de espaços outros, são "espécies de lugares que estão fora de todos os lugares, embora sejam efetivamente localizáveis", atuavam e executavam tarefas que eram as mesmas das disciplinas da licenciatura, buscavam exercer os mesmos rituais de articulação entre teoria e prática, funcionavam com os mesmos jeitos disciplinares da escola.

Lutando para manter-se no controle e reproduzir os movimentos esperados para uma professora, Júlia falava aos colegas e coordenadoras com voz tremula, mantendo as mãos sobrepostas, segurava um caderno próximo ao ventre, toda sua ecologia denunciava o nervosismo. Ela olhava repetidas vezes o caderno para recordar alguns dados. Lia alguns trechos, pausava a fala enquanto recorria à memória em busca dos argumentos que, de alguma maneira, completassem o texto. Função que, segundo as pedagogias tradicionais, obviamente se espera do professor: a posição do sujeito ativo como tradutor entre o texto e o sujeito que aprende.

Seu nervosismo afetava sua parceira, elas deveriam juntas apresentar o texto e se fazerem entender, eram elas, naquele momento, o dispositivo de disciplina em funcionamento. Porque se esforçavam para dar a condição de existência para o texto. Ao executarem esse ritual, punham em marcha uma noção bastante particular do que significa ser professor, trata-se do sujeito que, dizendo do texto, dá, ou deveria dar, a materialidade que a ele faltava para ser colocado em prática. Mas nada disso estava acontecendo em uma aula de estágio supervisionado. Estava acontecendo no interior de um sistema de espaços chamando PIBID. Trata-se de uma experiência que também foi fornecida pela IEs, mas por ser desenvolvida em outro espaço, espaço em que as notas de prova e avaliação não funcionam como o marcador de validação, a experiência de apresentar o texto ganha uma outra função.

Como estratégia da dupla, o texto foi dividido para a apresentação e rapidamente Isa assumiu a fala e a apresentação, numa tentativa de resgatar os pontos cruciais para que o projeto de fazer-se entender não resultasse em fracasso. Isa, tal como Júlia, se manteve no canto da sala, ao lado do computador. Entretanto sua fala era menos nervosa, seus movimentos eram contidos como deve ser, segundo os dispositivos em funcionamento, o comportamento de uma professora. Ela participava do PIBID há mais tempo que Júlia, seus gestos eram melhor disciplinados e seu discurso já incorporara os léxicos próprios do Ensino de Química, sua fala segura, reproduzindo os discursos do programa e em constante marcha apontavam a condição de PIBIDiana.

Com essa suposta segurança, falava sobre o texto e ensinava aos colegas as maneiras de aplicar um questionário, dizendo "ao utilizar um questionário em sala de aula o professor consegue fazer os alunos questionarem seus conhecimentos e com isso melhorar o processo de aprendizagem", conforme os modos disciplinares das perspectivas cognitivistas do texto do Roque do Moraes. O discursar da Isa funcionou como agente reprodutor de estratégias disciplinares, ela provoca a necessidade de utilizar um

instrumento do ensino, para depois mostrar que esse mesmo instrumento pode apresentar a solução para problemas educacionais.

Para seu discurso funcionar, Isa não poderia esquecer os pontos que validavam o discurso e então recorria com frequência a uma folha texto deixada sobre a mesa do 'professor', a maior da sala, texto que lhe assegurava a veracidade de sua fala. Em dado momento, Júlia interrompe a fala da Isa para dizer que os alunos não devem simplesmente responder ao questionário e entregar para o professor, mas que o professor deve discutir com a turma durante a aula o texto que foi apresentado, para daí então, corrigir o que for necessário e relevante.

Envoltas nos fios que regem o funcionamento dos dispositivos, elas eram parte do que falavam, elas eram o discurso e o dispositivo. Elas estavam à frente da sala, tinham um compromisso moral com os demais, precisavam zelar pelo funcionamento do PIBID e tinham que manter a disciplina. Elas estavam falando sobre a prática do professor, e ao falar sobre a prática e formação do professor fora do espaço da Licenciatura, criavam outro espaço de formação, um espaço que desviava às regras institucionalizadas sem, no entanto, abandoná-las.

O dispositivo de disciplina que funcionava nas falas das bolsistas, entendido como conjunto heterogêneo que rege a formação; mescla de conhecimentos pedagógicos, químicos, maternos, científicos e populares, além dos regimentos e regras institucionais que orientam seu funcionamento. Toda essa heterogênesse precisa, para se manter, criar uma relação que a sustente e reavive constantemente em uma função estratégica de sobrevivência.

Nesse sentido, os dispositivos em suas minúcias estratégicas vão construindo o espaço heterotópico como função de criar uma outra forma de confrontar o instituído na Licenciatura. Na heterotopia as atividades desordenadas se mostram no desenvolver das ações, mas se mostram tão acadêmicas quanto o espaço que buscavam contestar.

Os bolsistas ao iniciam uma discussão sobre a prática didática proposta no texto, a de questionar os alunos sobre o aprendizado colocam em cheque a prática adotada por professores de suas recordações, em tempos que eram alunos do Ensino Médio. E os comentários validando a ferramenta de ensino rapidamente aparecem (Diário de Campo 08/10/2013).

Mila: Eu tive um professor no técnico que fazia isso, ninguém ficava sem entender!

Na fala da Mila "ninguém ficava sem entender", existe a afirmação de que o professor conseguia ensinar todos os alunos que estavam em sala durante a sua aula. Se ele podia fazer o ensino hegemônico, ele era o modelo de professor - que usa o questionário - a ser copiado. Da mesma forma, exemplos negativos foram apontados.

Júlia: Gente tem professor que dá nota só por copiar. Aff, que horror!

Pink: Acho que nós somos capazes de dar aula melhor do que esses professores que estão por aí.

Os bolsistas colocavam em questão o trabalho realizado pelos professores supervisores nas escolas parceiras, a tom de suas falas apresenta o desvio em dois

modos. Primeiro o dispositivo que permite em uma relação específica a criação dos caminhos e das verdades, se torna o ponto de oposição entre o disciplinamento esperado pelo programa e as práticas 'reais' observadas nos colégios. Segundo na narrativa de como os professores 'sacralizados' funcionam como reflexo da disciplina instituída. Se o PIBID é um espaço de contestação, ao olhar no espelho PIBIdiano, não vemos outra coisa senão a escola de sempre. Se há que fazer algo, esse algo será feito nesses espaços de desvio, de imagens, de sonhos, de utopias e sobre tudo de possibilidades.

Esse discurso que regula e marca também cria as regras e rege o funcionamento do PIBID, processo de regulação, de disciplina, os bolsistas criam suas formas de ser e agir em um campo discursivo e o fazem funcionar dentro das condições do espaço PIBID.

PARA UMA CONCLUSÃO

Os espaços de desvio são criados em constante relação, são espaços que produzem e que ressignificam e nesse processo os espaços de oposição encontram sua funcionalidade. São lugares reais que mantêm com o espaço real da sociedade uma relação geral de analogia direta ou inversa, "lugares efetivos, delineados na própria instituição da sociedade, e que são espécies de 'contrapositionamentos', espécie de utopias efetivamente realizadas", são espaços no interior da cultura Universitária, um lugar fora do lugar, entretanto facilmente identificável (FOUCAULT, 2015, p. 414).

A heterotopia, aqui, possibilita pensar o PIBID como um lugar de busca e produção cotidiana de diferentes processos de significação, mas qual a razão de pensar esse processo como a construção de um espaço heterotópico? Essa localização do espaço torna-se relevante pois, embora o PIBID institua-se como espaço localizável no interior da Universidade e das Escolas, sua produtividade e seus dispositivos subvertem a política institucionalizada. Os bolsistas do PIBID vão em suas práticas PIBIDianas forjando seus espaços, como aqueles que criam outros lugares para reestabelecer a função escolar, algo como uma nova ordem do processo de ensino. Ao procurar reestabelecer a ordem criam a confusão de fronteiras entre os papéis, eles não vivem totalmente a escola, tão pouco as regras da CAPES ou unicamente a Universidade, mas vivendo nelas, eles constituem o outro lugar (GOMES, 2010).

Esse espaço só tem produtividade nas práticas, pois fora do regime do PIBID outras práticas seriam postas em funcionamento e o espaço não seria mais o mesmo.

É nesse sentido que entendemos a produção do PIBID, pois elas se estabelecem num conjunto de condições possíveis na sutileza do cotidiano.

Ao invés dessas ações e lugares serem considerados diferentes/estranhos, eles se tornam a referência, por contraste, servindo como contexto de promoção de outras possibilidades. Os atores/bolsistas, pela agência do PIBID - procuraram marcar uma singularidade, um espaço diferencial que não é a escola, nem da Universidade, não é especificamente das apostilas de ensino que falam e tão pouco sobre as disciplinas da Química ou das de Estágio Curricular. Mas ao mesmo tempo é sobre todos eles, o espaço heterotópico não pertence, ao menos não diretamente, a nenhum desses espaços. Mas funciona movimentando-se, permeando e agregando todos eles. Esse pertencer sem pertencer, constrói as sensações heterotópicas. A sensação de fluidez nos diversos

espaços que o atravessam e a liberdade de inferir sobre suas regras e funcionamentos. Pois, eles agregam em uma mesma rede discursiva diversos espaços e acabam criando, o que Foucault chamou de lugar de desvio.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. CAPES - PIBID Programa Institucional de Bolsa de Iniciação a Docência. s.d. <http://www.capes.gov.br/educacao-basica/capespibid/pibid> (acesso em 19 de junho de 2015).

DELEUZE, Gilles. Foucault. Tradução: Renato Jaime Ribeiro. São Paulo: editora brasiliense, 2013.

DEFERT, Daniel. "Heterotopias": tribulações de um conceito entre Veneza, Berlin e Los Angeles ." Em *O corpo utópico, as heterotopias*, por Michel FOUCAULT, 33-55. São Paulo: N-1 edições, 2013.

FOUCAULT, Michel. "O corpo utópico." Em *O corpo utópico, as heterotopias*, por Michel FOUCAULT. São Paulo: N-1, 2013a.

FOUCAULT, Michel. "Sobre a história da sexualidade." Em *Microfísica do Poder*, por Michel FOUCAULT, 363-406. São Paulo: Graal, 2013.

GOMES, Mayra Rodrigues. "Avatar: Enter utopia e heterotopia." *Matrizes*, jan./jul. 2010: 35-49.

MACHADO, Roberto. "Introdução: por uma genealogia do poder." Em *Microfísica do poder*, por Michel FOUCAULT, 7-34. São Paulo: Graal, 2013.